

A psicologia e a superação das desigualdades
no acesso, permanência e qualidade da formação universitária em psicologia:
quem precisa cruzar a ponte?

Peter K Spink

Centro de Estudos em Administração Pública e Governo
Escola de Administração de Empresas de São Paulo
Fundação Getulio Vargas

V Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão
São Paulo: 14 – 18 novembro 2018

A discussão sobre acesso e permanência, é de fato muitas discussões que se intersectam de maneiras distintas. Nesta contribuição vou focalizar alguns dos fios deste campo complexo, mas vou perder outros, em parte, por causa do tempo, mas também porque quero argumentar que acesso e permanência não são processos unidirecionais.

Quando se fala de acesso e permanência, a reação automática é de pensar de quotas, bolsas, vagas e vestibulares específicos e cursos de adaptação que garantem uma maior abertura da universidade para todos aqueles que gostariam de estudar e querem fazer isso pelas razões mais variadas. São aspetos importantes no conjunto atual, mas penso que as soluções estão em outras direções.

Primeiro, vamos lembrar que, em muitos países da Europa e na América do Norte, a ideia de um exame geral, onde quem entra é quem tem a melhor nota – seja no geral ou na quota ou, no novo sistema da USP, da quota da quota – seria considerada teoricamente sem validade, antidemocrática, um processo de exclusão e totalmente sem sentido. (Vale consultar a Folha de S. Paulo de 4 de Novembro, 2018, sobre o simulado da Fuvest). Mais ainda, quem estaria liderando estas considerações, seriam nós – a coletividade da psicologia da qual me considero parte.

Por mais de um século, a psicologia tem discutido diferenças individuais, capacidades, motivações e suas consequências para o campo da avaliação. Vocês lembram? Todos nós tivemos aulas sobre isso; discutimos e debatemos, inteligência, oportunidade, personalidade, contexto - mas por alguma razão esquecemos. Então vamos lembrar: a correlação entre competência profissional e a posição no ENEM, FUVEST e qualquer outro exame, com ou sem perguntas sobre religião e identidade de gênero, é mínima, para não dizer zero.

As mais importantes Universidades no mundo somente são as mais importantes universidades do mundo porque conseguem juntar alunos interessantes, pesquisadores interessantes e professores interessantes. Nenhum dos três elementos antecede os demais: os três andam juntos. Nenhuma delas utiliza vestibulares: selecionam (note a palavra – selecionam) a partir de uma mescla de elementos: histórico escolar, certificados de conclusão, currículo, atividades extra-curriculares e entrevistas. Não tem pesos, não tem regras; é quem cada departamento e faculdade considera mais interessante, incluindo – algo muito importante – a diversidade.

Aqui penso ser muito importante enfatizar os estudos de Bourdieu e Passeron no campo da educação: a elite sempre vai buscar se reproduzir. Em qualquer sociedade hierarquizada socioeconomicamente, a elite sempre terá mais acesso às informações, e aos lugares que são chaves no processo de reprodução sócio-

economica. Mas, felizmente, também na mesma sociedade haverá pessoas preocupadas com equidade e igualdade, que também buscarão formas de acesso e permanência mais justas. Para cada cursinho de elite, há também um cursinho chamado popular e, posso afirmar, que os segundos são muito mais interessantes do que os primeiros.

Se a psicologia poderia falar sobre os processos de avaliação de entrada nas universidades, mas acaba falando pouco, as universidades também não ajudam.

Artigo 207 da Constituição Brasileira: específica:

“As Universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

Portanto, se temos autonomia, experiências de outros países e um século de psicologia de avaliação e estudos sobre talentos – porque jogamos tudo pela janela? Me permitam fazer uma pergunta: você preferia ser avaliado/a por perguntas sobre matemática, química, sobre a ecologia da Amazônia, a história da Grécia e a contribuição de Camões à imaginária portuguesa, ou por uma entrevista em que alguém lhe pergunta sobre como você lidaria com a necessidade de sensibilizar pessoas sobre a relação entre práticas diárias e mudanças climáticas?

Vamos para outro fio desta discussão, agora com dois exemplos de lugares e momentos diferentes.

O Birkbeck College é um dos colégios da Universidade de Londres assim chamado em homenagem ao seu fundador Dr George Birkbeck, que em 1823 articulou uma reunião num bar no centro de Londres com mais de 2,000 pessoas, para discutir a importância de oferecer educação para a classe trabalhadora. O resultado foi o Instituto dos Mecânicos de Londres, com cursos sobre ciência, arte e economia. Pouco depois em 1830 deu um passo mais radical ainda e admitiu mulheres. Em 1836, a carta que estabeleceu a Universidade de Londres determinou que além dos alunos dos dois colégios fundadores, qualquer pessoa de outra instituição de educação poderia se inscrever para os exames finais e se passar, receberia o certificado de graduação da Universidade. Isso deve parecer algo esquisito – mas é a base da origem da universidade medieval. Havia um núcleo central que organizava as provas e, em volta, professores em colégios e pequenos centros que preparavam os alunos para os exames.

O princípio do exame aberto para alunos internos e externos, fez com que o Instituto de Mecânicos, que não era parte da Universidade, ficasse lotado com pessoas querendo estudar para os exames de bacharelado – por que? Porque as

aulas eram à noite, os professores eram dedicados e os alunos e alunas eram trabalhadores. Em 1920, o Instituto de Mecânicos foi admitido como um Colégio da Universidade de Londres, com o nome de Birkbeck College, com a missão de continuar a oferecer estudos à noite. Ao longo dos anos, a graduação se ampliou e também virou pós-graduação, e o colégio virou um importante centro de pesquisa. Mas até hoje você verá na sua página web:

“Birkbeck is different: our classes are held in the evening, so your days are free – to study, work, volunteer, or just do you own thing.”

O segundo exemplo, mais de 150 anos depois, vem de Cristovam Buarque e sua equipe na Secretaria de Educação do Governo do Distrito Federal. Ao assumirem, estavam convictos que seria possível avançar bastante na qualidade de ensino e criar uma escola de ‘verdade’ para crianças e adolescentes. Mas para fazer isso, precisavam ter todas crianças na escola, e não uma parte vendendo produtos nos faróis, ou engraxando sapatos no aeroporto. O resultado era a bolsa escola: para toda família com crianças entre 7 – 14 anos, cinco anos de residência no Distrito Federal e renda per capita familiar de meio salário mínimo ou menos. O valor da bolsa era 1 salário mínimo e o resultado: mais crianças e adolescentes nas escolas, e o início de uma escola de qualidade para as crianças.

Nos anos trinta, o psicólogo social Kurt Lewin usou o conceito de campo de forças, para discutir abordagens diferentes de mudança social. Distinguiu entre forças que apoiam mudança e forças que resistem mudança. Apontou que normalmente a preocupação é como aumentar a pressão para mudança. Pouco atenção é dada à diminuição das forças que resistem mudança, forças estas que podem ser explícitas – de pessoas ou grupos – ou podem ser implícitas e infiltradas em pressupostos, barreiras e práticas que parecem naturais e óbvias. Por exemplo, e lembrando que ideias são sociais e nascem em conversas, pensem sobre a “naturalidade” da ideia que define igualdade como meritocracia; meritocracia como vestibulares; e vestibulares como exames sobre um montão de coisas que nunca vamos lembrar e muito menos usar na vida.

O que estamos descobrindo na discussão sobre acesso e permanência é que as forças implícitas de resistência, infiltradas em pressupostos, barreiras e práticas consideradas naturais e óbvias, formam um corredor de portas de vidro trancadas, que dão a impressão de um corredor aberto e convidativo – porque o vidro é muito limpo – mas que dói quando você bate de frente. E como doi.....

Na medida em que Birkbeck foi crescendo em importância, com seus laboratórios e cursos de pós-graduação, teria sido muito fácil mudar para um modelo universitário normal – mas o colégio não abandonou o princípio de

aulas somente à noite. Mais ainda, continuou com a visão de que educação para pessoas que trabalham é diferente, porque as pessoas trazem experiências diferentes; não melhores ou piores, mas somente isso – diferentes. Para reconhecer e trazer esta contribuição para dentro da Universidade, quem melhor do que os melhores professores com melhor competência acadêmica e biografia intelectual. Estes eram os professores das matérias introdutórias. Talvez você tem ouvido falar, ou lido, um dos grandes historiadores ingleses: Eric Hobsbawm. Pois é; ele dava as aulas introdutórias do departamento de história.

No caso do Distrito Federal, teria sido simples parar o investimento de educação com as crianças dentro da escola, mas Cristovam Buarque e a equipe sabiam que parte do problema da desistência era o tipo de escola que lá existia. Trazer as crianças e adolescentes para as escolas era chave, para criar escolas mais ajustadas para todas crianças.

O que encontramos muitas vezes no Brasil, e vamos ser claro em outros países incluindo Inglaterra também, é o contrário. Temos o Prouni, Enem, quotas, bolsas institucionais, mas o curso é o curso de sempre. Ainda mais, as pressões para professores de se dedicarem à pós-graduação e produzir são imensas, e sobra para os assistentes, auxiliares e temporários, as salas imensas das aulas de introdução. A ideia propagada é que o problema é resolvido quando o novo aluno ou aluna entra na Faculdade e na Universidade. Mas as análises dos

processos de permanência sugerem que precisamos olhar para os cursos que temos, as Faculdades que temos e as Universidades que temos. Pergunto, temos uma universidade que é capaz de abraçar os cidadãos de seu país, ou fora de seu país, ou de seu estado, região, município ou distrito; uma universidade cidadã? O que seria uma universidade cidadã? Com isso vamos para um outro fio dessa discussão complexa – quem precisa cruzar a ponte?

A expressão é uma referência a uma música dos Racionais MC's com a linha “o mundo é diferente da ponte para cá”, e é uma frase de mobilização de coletivos de cultura e também de bolsistas buscando problematizar a permanência. Na prática são duas pontes, uma no caminho para os distritos de Campo Limpo e Capão Redondo e a outra no caminho para os distritos de Jardim São Luís e Jardim Ângela, todos na zona sul de São Paulo; cidades invisíveis com uma população conjunto de quase um milhão de pessoas. Também há outras cidades invisíveis, nos distritos da grande zona leste de São Paulo, onde outras expressões podem ser encontradas.

As universidades em geral estão deste lado das pontes e da grande zona leste; um outro cotidiano, um outro ir e vir, origem e destino. Os caminhos para as universidades e faculdades das pessoas que moram nestas regiões distantes de onde estamos são longos, e à noite são perigosos e é muito comum encontrar parentes esperando em pontos de ônibus para acompanhar seus filhos e filhas

para casa. Usando a ponte como símbolo, a grande parte da discussão sobre acesso e permanência se refere às ações que buscam ampliar a chegada na universidade – de cruzar a ponte e lidar com as diferenças. Mas, será que a questão termina aqui, ou temos desafios bem maiores a enfrentar?

Por exemplo, os professores e professoras das principais universidades de São Paulo são bons e bem qualificados, produzem bastante e coletivamente estamos no maior centro acadêmico do país; mas, pensando no nosso caso, qual é “a pessoa” que está presente nas entrelinhas das aulas de psicologia. A resposta, provavelmente, é “a pessoa” que ao longo dos anos faz sentido para a sala de aula; o sujeito com o qual os professores e seus alunos se identificaram – que faz parte de seu cotidiano. Mas o que acontece quando a sala de aula não é a mesma, quando as experiências do cotidiano são outras, de abusos, de gravidez na adolescência, de violência policial, de discriminação, da ausência de livros e lugares para estudar, de não poder ficar para conversar porque (a) não tem o dinheiro para pagar a quota no bar e (b) os ônibus locais, daqui uma hora e meio de distância parem às 9.00 da noite. Por isso a pergunta: quem precisa cruzar a ponte e em qual direção? Os alunos, ou a universidade enquanto coletividade?

Quando falamos em acolhimento e abraços, de buscar a permanência, precisamos distinguir entre compreensão e conectividade. Compreensão normalmente é pensada em termos de adaptação; de ajudar aqueles que estão

chegando. Mas será que não devemos inverter a pergunta e falar sobre conectividade. De nos juntarmos em novas relações e debates, novos conteúdos, até, inclusivo, novas psicologias. Será que a psicologia que temos é na prática a psicologia que criamos para uma versão específica e restrita de nós mesmo?

Um outro fio de discussão, um outro exemplo. Em 1862, o Governo Federal dos Estados Unidos, preocupado sobre a continuidade deste novo país independente, doou terrenos federais para cada estado para ser vendido ou alugado do jeito que cada estado queria, desde que os recursos fossem utilizados para sustentar pelo menos **um** colégio que ensinaria “agricultura e as artes mecânicas”. Os chamados “land grant colleges” cresceram em contato direto com os pequenos agricultores, as oficinas mecânicas e as pequenas fábricas de equipamento agrícola e outros bens de consumo. Hoje chamamos isso de apoio ao desenvolvimento local. Com o tempo, estes colégios virariam as Universidades Estaduais, cada uma com uma historia interessante, mas todas com um vínculo muito forte com o texto territorial dentro do qual cresceram.

No final da segunda guerra mundial, milhares de soldados, marinheiros e aviadores – uma geração de mais de dez anos quase do mundo inteiro – iniciou sua readaptação a uma vida sem ordens, sem a ameaça constante de morte e com a autonomia de decisão sobre o que vestir, onde andar, o que fazer no dia a dia e como agir por conta própria. Cada país agiu de seu jeito e foi um período

intenso de aprendizagem, inclusive nasceram aí conceitos como de transição psico-social. Nos EEUU um ato de congresso garantiu os pagamentos de taxas escolares e de manutenção para todos os veteranos de guerra que queriam voltar a estudar nas escolas, colégios técnicos e universidades. Entre os 7,5 milhões que usaram a legislação, 2 milhões foram para as universidades – assim, aqui estamos!

Quais eram as universidades de braços abertos para acolher um aluno totalmente diferente; não o aluno que terminou escola com 18 anos e foi imediatamente para a universidade, mas alguém que terminou escola e foi para a guerra durante 4 – 6 anos e ,agora adulto, com a cabeça cheia de experiências mal processadas, foi para a universidade. Foram as universidades estaduais.

Há aqui um outro elemento, se você pergunta para alguém de Inglaterra de onde você é, ou da França, a resposta será um lugar tipo cidade: Manchester (eu), Marselhês etc. Nos EEUU, o lugar é seu Estado. São histórias diferentes e simbolismos diferentes, mas o importante de novo é a noção da conectividade. Não foram as universidades de elite que responderam, foram as universidades dos lugares.

Até hoje são as Universidades Estaduais e também as Universidades urbanas de menor porte nos EEUU, que continuam mais focadas nos lugares onde estão

inseridas. Foram as primeiras a estabelecer estações de pesquisa permanentes fora das universidades, a responder aos programas federais de apoio ao desenvolvimento urbano, a se envolver com questões de saúde coletivo e conectar com as diferentes comunidades presentes. São elas que mais se mobilizam em relação a uma noção de uma universidade engajada, civicamente, enquanto compromisso acadêmico.

Não se trata de uma questão de causalidade simples, mas não há dúvida que esta relação mais constante, sem muros, traz consequências para a maneira em que as pessoas olham para estas universidades e, quando olham, sentem-se em casa. De fato, fazem parte da casa comum, são parte do lugar e este “do lugar” não é somente uma relação simbólica. Quando visitei a Universidade de Texas em Austin para a primeira vez, queria buscar uma referência na biblioteca de Estudos Latino Americanos, e perguntei o que eu precisava fazer para ter acesso. A resposta foi: “ abrir a porta. Acesso é livre em todas as bibliotecas de todos os campi da Universidade de Texas e em alguns casos 24 horas por dia. As bibliotecas são públicas”.

Durante 2017, trabalhei com dois colegas da FGV (André Luis Nogueira da Silva e Raquel Sobral Nonato) colhendo experiências e análises sobre esta temática de uma universidade com maior conexão cívica. O estímulo foi nossa experiência junto com colegas da PUC-SP, USP, UFABC, UNISA e a UAB –

muitos deles psicólogos sociais – de localizar nossos diferentes estudos de maneira consistente e constante em uma única região de São Paulo. Foi o começo da Estação de Pesquisa Urbana M’Boi na zona sul e uma nova relação entre pesquisa e ação.

O que nos vimos em outros países, é que são quase sempre as universidades de medio porte, conectadas à vida urbana ou rural e suas questões de desenvolvimento, que conseguem manter um balanço mais adequado entre suas atividades. Nas universidades de elite, que ocupam as posições altas nas tabelas de “ranking”, os relatos são sempre sobre a grande dificuldade em resistir às pressões para publicações, que por sua vez exige modelos de investigação com resultados mais rápidos. As consequências são professores que são conectados aos universos e lugares das conferências e debates internacionais e das amostras de suas entrevistas, e muito menos às questões que estão sendo sendo levantadas nos lugares e regiões onde estão instaladas. Podem até ter interesse mas vão dizer, francamente, que este tipo de questão leva mais tempo para resolver e os resultados aparecem devagar. Um colega holandês comentou, todos os avaliadores gostam de “slow food”, mas não tem a mesma apreciação para “slow research”.

No Brasil, a situação foi muito similar em relação às universidades de elite ou de ponta, mas no nosso caso sem o contrapeso das ações das universidades

estaduais e de medio porte. Parte da razão – sem sombra de dúvida – pode ser encontrado no simples e terrível fato de que estamos, e continuamos a ser, um dos países mais desiguais do planeta. Construir agendas cívicas nestas circunstâncias não é nada fácil. Mas também parte do problema está nos sinais que damos para nós mesmo – por exemplo nós psicólogas e psicólogos.

Temos conseguidos uma boa expansão territorial de cursos de pós-graduação, que, mesmo com diferenças, reflete as variedades populacionais. A avaliação destes cursos pela CAPES – que é feito por nós mesmo – segue 5 quesitos que são iguais para todas as áreas, mas com algum grau de flexibilidade entre pesos. Os resultados são distribuídos numa escala de 1-7 onde 3 é a nota mínima para funcionamento. Programas 6 e 7 têm um nível de inserção internacional grande, e por isso mais autonomia e privilégios.

Os cinco quesitos são: 1) a proposta do programa (objetivos, estrutura e congruência); 2) corpo docente (produção, atualidade intercâmbio etc.); 3) corpo discente (tempo de formação e publicações dos trabalhos feitos); 4) produção intelectual – qualidade e não somente quantidade; 5) inserção social. O quinto quesito parece demonstrar um sinal de abertura importante:

“Uma boa avaliação neste quesito requer que o Programa desenvolva ações que impactam, diferentemente, em setores sociais que podem usufruir de suas

competências na formação e na produção de conhecimento, que devem incluir a transferência eficiente de conhecimento de ponta para setores diferentes”.

Sim, um avanço, bastante positivo, mesmo que a ideia sobre a origem do conhecimento não seja exatamente aquilo que se encontra nos debates ontológicos dos últimos cinquenta anos; mas a luz no final do túnel começa a diminuir quando olhamos os pesos da avaliação na área da psicologia. Quesito 1, não tem peso; quesitos 3 e 4, produção discente e intelectual, somam 70% das notas, ficando 30% para 2 e 5. O sinal de mudança, de fato é muito fraco.

Uma outra parte da dificuldade vem da segunda parte do Artigo 207 da Constituição Brasileira:

“As Universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e *obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*”.

O que é o princípio de indissociabilidade? Na época da constituição há documentos muito interessantes que circularam sobre a relação transformadora entre a universidade e sociedade, sobre a troca de saberes acadêmicos e populares, sobre a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na universidade, entre outros aspetos. Fica muito claro

que o objetivo foi uma universidade cidadã e mais horizontal, tal como a própria constituição.

Mas, será que a indissociabilidade como princípio é o caminho para um engajamento mais cívico, cidadão e horizontal, ou será que é o inverso? Isso se torna mais claro quando separamos ensino, pesquisa e extensão. Sabemos que há professores que adoram ensinar, outros que adoram fazer pesquisa, outros muito engajados em atividades de extensão, outros que gostam de fazer pesquisa e ensinar, e assim vai. Não há e nunca se encontrará no cotidiano de nenhuma universidade, um ou uma professora para quem é possível dizer: assim é a cara da indissociabilidade – siga seu exemplo! Também, devemos perguntar, será que extensão é automaticamente mais cívica do que pesquisa, ou mais cívica do que ensino? Será que simplesmente pegando o caminho para a roça ou para a ponte, gera uma atuação cidadã, de horizontalidade.

Há exemplos interessantes que podem ser encontrados nas revistas de extensão, vinculados à educação, saúde, psicologia comunitária, direitos humanos, meio ambiente e outros tópicos. Mas o vínculo mais presente é entre ensino e extensão, muitas vezes como parte do desenvolvimento profissional dos universitários; importante sim, mas esta é suficiente para ser considerada uma relação cívica?

Quem conhece o município de Santa Rita de Sapucaí, Minas Gerais? São quarenta mil habitantes e uma reputação internacional no campo da eletrônica, 150 empresas inovadoras, três incubadoras e uma alto grau de articulação entre governo local, empresas e estabelecimentos educacionais locais. Conhecido como “vale eletrônico”, gera 14,000 empregos bem remunerados, índice de desenvolvimento bem razoável, baixo nível de desigualdade e exporta produtos para 41 países. Na década de 50, o município foi produtor de café e gado. Uma integrante da elite local, retornando depois um período fora do país, havia visto o impacto na recuperação econômica pós-guerra da educação técnica.

Convencido que o município precisava alternativas para o desenvolvimento e que eletrônica era uma possibilidade, saiu para trazer uma escola técnica para a região. A escola foi instalada como fundação sem fins lucrativo, apoiada pelo governo e também pela sociedade local. Em tempo, com a expansão da eletrônica, foi criado um instituto de telecomunicações em nível superior, e as empresas desta área de atuação começaram não somente a empregar os alunos, mas também mudar para a região. Não houve um plano mirabolante, era um simples passo a passo, oportunidade depois de oportunidade.

Juntando estes diferentes exemplos demonstra as possibilidades presentes, em ambos as direções de acesso e permanência; das pessoas de todas as idades e diversidade em direção à universidade e da universidade em direção da casa

comum. Temos discutido bastante a primeira direção, mas temos deixado de lado a segunda, o engajamento efetiva da universidade nas questões urgentes do desenvolvimento social e econômico local. A universidade que não vai embora quando o curso de extensão termina e que leva seus cursos permanentes para o outro lado da ponte e discute as prioridades de formação com aqueles que tem as demandas; os pesquisadores que não vão embora quando o estudo termina e que também discutem nos diferentes fóruns as prioridades para ação e informação. Há muito sendo feito em lugares diferentes e há muito que podemos aprender e também criar.....